

INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO MUNDIAL DOS TRABALHADORES CIENTÍFICOS NO “2º Foro Latinoamericano de Trabajadoras y Trabajadores Científicos”

Caros amigos, caros colegas da América Latina
Obrigado pelo vosso convite para nos vos dirigirmos;
obrigado a Marcelo Magnasco que se encarregou da tradução.

A crise sanitária mundial - algumas observações e lições

- O "mercado", o "laissez-faire" do capitalismo liberal não pode gerir uma tal crise sanitária, uma tal pandemia. Do nível mundial ao nível local, passando pelo regional e nacional, os serviços públicos, exteriores ao mercado, exteriores ao sector privado, são essenciais. Os políticos de extrema-direita revelaram-se claramente na sua única preocupação de agradar às multinacionais e... ser reeleitos. As consequências dramáticas da globalização capitalista (corrida ao lucro, divisão do trabalho por continentes subvalorizando os custos de transporte) tornaram-se claras. Em termos mais gerais, esta crise é como um “trabalho prático” de estudante. Faz-nos pensar em todos os grandes desafios que a humanidade deve enfrentar para a sua sobrevivência: para lá da saúde, estão o ambiente, a demografia, a alimentação e as desigualdades gritantes, sem esquecer a criação e a partilha de conhecimentos, evidentemente.
- Esta crise assumiu rapidamente uma dimensão internacional, apesar da subestimação inicial dos nossos líderes "ocidentais" que falavam de um vírus confinado à Ásia e ignorando as informações enviadas pelos cientistas chineses. Diz respeito a toda a humanidade e, acima de tudo, obriga a uma tomada de consciência, contrariamente ao que se passa com as alterações climáticas, em que a diversidade das consequências, a sua disparidade conforme a riqueza e a geografia, favorecem a cegueira. Graças a esta pandemia, a consciência de estarmos todos "no mesmo barco" marcou pontos. Desenvolve-se a tomada de consciência de que todos somos inquilinos momentâneos de uma nave chamada "Terra" da qual não podemos escapar-nos, na qual somos interdependentes devendo ter a preocupação de a manter em bom estado.
- O confinamento obrigou os meios de comunicação social a destacar as profissões essenciais e, por algum tempo, a colocar no seu devido lugar as actividades humanas: os produtores, principalmente de alimentos, substituíram as “estrelas”, os campeões e os poderosos; os trabalhadores da saúde, pelo seu empenhamento, pela sua organização, pela sua improvisação também, mostram que o reconhecimento social é um forte elemento de motivação, que o valor do trabalho continua a ser essencial para o ser humano.
- Pontos muito negativos: os “executivos” reforçam posições em detrimento dos “legislativos”, a autoridade prevalece sobre a democracia, os *media* têm uma influência e responsabilidade reforçadas; a cooperação tem dificuldade em enfrentar a competição e a concorrência; alguns “botões florais” positivos eclodem, mas a lei do mais forte ainda domina. Os bloqueios de Cuba, da Venezuela e de Gaza são particularmente desumanos; as agências internacionais são insuficientemente ouvidas e respeitadas (ONU, OMS), os Estados do “Sul” continuam a afundar-se em dívidas.

- A ciência e a tecnologia, os cientistas, são questionados, solicitados como nunca. Neste contexto, os cientistas correm um grande risco: o de alguns deles serem vistos como conselheiros do “Príncipe”, especialistas e fusíveis de segurança, ao mesmo tempo, ou fazedores de milagres. O tempo dos “sábios” acabou, a criação de conhecimentos e de tecnologias é uma actividade "de massas" com toda um conjunto de profissões, cada uma tão útil quanto a outra.
- A investigação e a educação sofreram durante estes meses de confinamento, os seus profissionais também. O *digital* mostrou os seus limites. Ferramenta indispensável numa fase crítica, mas que apresenta várias facetas perigosas: factor de agravamento das desigualdades, factor de reforço das burocracias, factor de aumento do peso das tarefas; os colegas estão literalmente exaustos e incapazes de fazer uma boa investigação académica. Deve ser feita uma reflexão sobre a necessidade do *presencial* para a inteligência colectiva, para a luta social, por exemplo.
- O surto do novo coronavírus levou naturalmente dezenas de laboratórios a lançar programas de investigação para a criação de terapias e vacinas. Os investigadores puderam constatar as desvantagens criadas pelos retrocessos na investigação fundamental. Mas, o que é igualmente grave, assistimos a uma nova interferência dos poderes económicos e políticos: à competição científica normal acrescentam uma competição comercial, onde a prioridade já não é salvar vidas desenvolvendo o conhecimento, mas conquistar mercados potencialmente lucrativos.

Em todas estas questões, a FMTC está ao lado das suas organizações filiadas, das organizações amigas, dos trabalhadores científicos e de todos aqueles que se opõem à mercantilização, à concorrência dos países, dos laboratórios e dos homens, e trabalham pela justiça, em toda a parte e em todos os planos: o social, o sanitário e o climático. A FMTC, que é em si mesma um Fórum, saúda este 2º Fórum Latino-Americano e espera fortalecer o diálogo e as suas ligações com todos vós.

Jean-Paul Lainé, 17 de Setembro de 2020

Presidente

Trad. JS / FC